

DOCUMENTÁRIO ABORDA RELAÇÃO DE PEREIRA DA VIOLA COM A CULTURA POPULAR E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Aboio é o canto para os bois, comum no nordeste brasileiro e no interior de Minas Gerais, que dá orientações para a movimentação da boiada. Tendo vivido grande parte de sua infância e adolescência na roça, Pereira da Viola conviveu e aprendeu a arte vendo a prática dos aboiadores. No entanto, morando atualmente na capital mineira, distante dos bois, seu conhecimento se torna de pouca utilidade prática. É, porém, um líder destacado de um amplo movimento cultural e político que circunda a viola caipira, o que faz dele um *Aboiador de Violas*, título de uma de suas músicas e agora também de um vídeo-documentário.

Produzido e dirigido por Tata Lobo e Léo Rodrigues como projeto de conclusão do curso de graduação em Comunicação Social da UFMG, *Aboiador de Violas* aborda a relação de Pereira da Viola com a música, a cultura popular e os movimentos sociais ligados à terra. O trabalho recebeu nota máxima da banca que o avaliou. Desde os primeiros dias de filmagem, foram 9 meses de trabalho e quase 5 mil quilômetros percorridos. Realizando entrevistas e acompanhando shows, Tata Lobo e Léo Rodrigues estiveram em Vitória da Conquista-BA, Sabará-MG, Congonhas-MG, Montes Claros-MG e Bonfim-MG, além da vila de São Julião. Todo esse esforço foi reduzido a um filme de 62 minutos.

O trabalho desenvolvido busca superar a noção de que o documentário é um retrato da realidade. Os diretores não concordam com a ideia de que a câmera capta a verdade crua à sua frente. “Com frequência, um ou outro cineasta manifesta certa prepotência ao dizer que apresenta a verdade em um filme. Mas toda a produção é um processo de escolhas, tanto na filmagem, quanto na edição”, dizem Léo Rodrigues e Tata Lobo.

A metáfora do aboiador é um primeiro indicador de que o documentário não transmite a verdade e sim um ponto de vista. Há outros indicadores. Léo Rodrigues e Tata Lobo recusaram o uso da narração em *off*. “Muitas vezes, tem-se a sensação de que a voz em *off* emerge como uma voz dos céus, de Deus, um ser que nunca é revelado. Parece ter a pretensão de se impor como o dono da verdade”, explicam.

Por fim, ambos deram ênfase às ideias apresentadas pelos personagens entrevistados. “Para nós, mais importante do que apresentar e descrever o que há em cada disco do músico, seria

apresentar o conjunto de ideias que permeia esta produção e este universo. Foi na utilização desse vetor ideológico dos depoimentos que confiamos para criar a sensação de que há aqui uma versão, aproximando o filme de uma tradição reflexiva e afastando-o de uma tradição expositiva que tem como centro a ideia de objetividade”, afirmam.

Cultura popular e engajamento político

Nascido em São Julião, Pereira da Viola vem de uma família de músicos, responsável por resgatar a efervescência cultural da região, sobretudo a partir da reorganização da tradicional Folia de Reis. Influenciado por artistas como Almir Sater, Renato Andrade, Tião Carreiro e Rubinho do Vale, Pereira encontrou o som da brasilidade no instrumento que adentra o seu nome artístico e apresenta um repertório que, ao mesmo tempo, é inovador e preserva as raízes do ambiente cultural onde cresceu.

Tendo lançado recentemente o 6º disco, em parceria com o violeiro Wilson Dias e o compositor João Evangelista Rodrigues, Pereira busca exaltar em suas músicas a beleza da cultura popular, ao mesmo tempo em que manifesta todo o seu engajamento político, sobretudo sua vinculação com movimentos sociais ligados à terra, como o Movimento dos Sem Terra (MST) e a Comissão Pastoral da Terra. É ex-presidente da Associação Nacional dos Violeiros, entidade que ajudou a fundar.

A Viola

Trazida pelos jesuítas portugueses, a viola foi assimilada por índios e negros em diversas regiões do Brasil, onde sofreram mudanças e foram criadas maneiras particulares de operá-la. Ainda assim, tendo inúmeras formas de tocá-la e afiná-la ao longo do território nacional, preserva uma história que demonstra singularidades do povo brasileiro. Mas durante algumas décadas, a viola caipira ficou relegada ao meio rural, sem espaço para disseminação. Nos anos 80, poucos eram os violeiros que resistiam como Inezita Barroso, Renato Andrade e Rolando Boldrin, que não conseguiam chegar à grande mídia. Mas o instrumento nunca foi abolido e ressurgiu com força com o fenômeno Almir Sater, popularizado através da trilha sonora da novela da rede Manchete: “Pantanal”. Sater rompeu com a lógica das duplas sertanejas e mostra uma nova face da música caipira e da viola: moderna e inovadora sem esquecer o passado, sem perder as raízes.

Recentemente, com a concentração de diversos violeiros na capital mineira, formou-se terreno

fértil para a organização de um movimento que deu origem a dois programas de TV (“No braço dessa viola” apresentado por Saulo Laranjeira, na TV Brasil, e “Viola Brasil” apresentado por Chico Lobo, na TV Horizonte), uma revista de circulação nacional (Revista “Viola Caipira”) e a criação da Associação Nacional dos Violeiros, que tem sede em Belo Horizonte e se dedica à organização dos instrumentistas, realização de seminários e pesquisas sobre o instrumento e a cultura que o cerca.

Jornalismo às avessas

Tata Lobo e Leo Rodrigues defenderam uma linha acadêmica na qual consideram que a origem da notícia se tornou necessária para a integração e universalização da sociedade. Em outras palavras, desde que as sociedades humanas se complexificaram e extrapolaram os limites de pequenas tribos ou comunidades, o jornalismo surgiu exatamente para tornar possível ao homem se sentir parte desta sociedade mais abrangente.

Ao longo da história, o jornalismo foi moldando padrões de apresentação até se chegar às características hegemônicas atuais, sendo a principal delas os mecanismos que preservam uma busca da objetividade. Entretanto, sempre existiram iniciativas inovadoras. “Nos anos 60, nos EUA, berço da teoria da objetividade jornalística, formou um movimento que ficou conhecido como ‘Novo Jornalismo’. Pessoas como Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote passaram a redigir reportagens que misturavam técnicas ficcionais ou literárias na descrição de eventos reais. O ‘Novo Jornalismo’, mesmo oferecendo estruturas diferenciadas para apresentar a informação, não deixou de fazer jornalismo”, conta Léo Rodrigues.

Os diretores, na defesa do projeto, afirmaram que, ao criar condições de uma produção independente dos grandes interesses econômicos e políticos, o formato documentário também possibilita uma visão crítica dessa objetividade jornalística. “É quase consenso entre os teóricos que a objetividade plena é impossível. Entretanto, muitos indicam esse fato como um sinal da impotência humana frente a sua subjetividade. A partir desse caminho, poder-se-ia propor a busca da maior objetividade e imparcialidade possíveis. Por isso, acreditamos que a abordagem deve mudar no sentido de perceber tal impossibilidade como um sinal da potência subjetiva do homem diante da objetividade”, esclarecem ambos.

Tata Lobo e Léo Rodrigues consideram que *Aboiador de Violas* não deixa de fazer jornalismo, porque transmite um tipo de informação que levaria a nos perceber como parte de uma sociedade, tendo mais ou menos vínculo com ela: documenta manifestações culturais que

emerge do interior, a trajetória da viola na história brasileira, a influência do ambiente na formação do artista, a ligação de um tipo de música com as lutas sociais do Brasil. Entretanto, é um documentário que dá voz à subjetividade, fugindo dos dados concretos, e apresentando o conjunto de ideias que permeia o universo abordado.

Que Brasil é este?

O vídeo-documentário abre ainda um debate sobre a identidade nacional brasileira. “Toda forma de identificação social implica partilhar referências a um passado comum e, dessa forma, os membros pertencentes a um mesmo coletivo percebem que possuem determinadas características que os distinguem de outros coletivos: percebem, entre si, uma identidade. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social e contribui para a formação de identidades”, dizem Tata Lobo e Léo Rodrigues.

Na academia, são diversos os teóricos que proclamam ser impossível a formação de uma cultura e uma arte nacional, dado o tamanho e a diversidade do Brasil. Mas Tata Lobo e Léo Rodrigues entendem que as variadas manifestações da cultura e da arte brasileira possuem, em sua constituição, elementos em comum com a história do Brasil. “Na singularidade de cada povoado, de cada região, se reúne um processo que dialoga. O mesmo carnaval enalteceu o samba no Rio de Janeiro e o frevo em Pernambuco. A ditadura militar fez surgir músicas de contestação que utilizavam diferentes estilos em diferentes regiões. Portanto, a unidade de uma cultura e de uma arte nacional não reside em uma padronização de manifestações e sim numa memória que guarda elementos comuns”, argumentam.

A música de Pereira da Viola decorre de um misto de vivências para a construção do imaginário que permeia suas músicas. Se a influência de suas origens, das cantigas, do meio rural tem determinada influência sobre as composições e ritmos, não se pode dizer que ali reside sua única fonte de criação. Recebe influências diversas, inclusive do estrangeiro, mas as decodifica a partir de referenciais dessa mesma memória que ele tem ajudado a construir. “Não é por estas referências que a música de Pereira da Viola deixa de ser brasileira ou oriunda de São Julião. A cultura popular não é peça estável de museu, está constantemente em formação, pois se liga à história, ao contexto e ao ambiente que a cerca”, dizem Tata Lobo e Léo Rodrigues.

E acrescentam: “É um documentário que busca apresentar uma ideia de cultura brasileira e, por essa razão, é também um documentário que traz arraigada uma forte defesa de noções

políticas a culturais. Nos identificamos com a luta de Pereira da Viola e, assim, adotamos um discurso de que a cultura é espaço para debate da sociedade. Compartilhamos com Glauber Rocha a importância de um cinema que possibilite ao povo tomar conhecimento de si mesmo e de sua própria sociedade. E assim, compreendendo a si mesmo, possa construir um mecanismo de superação de suas dificuldades”.

VÍDEO-DOCUMENTÁRIO

Título: *Aboiador de Violas*

Produção, Direção e Edição: Tata Lobo e Léo Rodrigues

Duração: 62 minutos

Sinopse: Nascido em uma pequena vila no Vale do Mucuri, em Minas Gerais, Pereira da Viola se tornou um dos principais músicos da nova cena do instrumento que adentra o seu nome artístico. Com seis discos gravados, o violeiro não deixa de lado as origens e alia sua obra a uma compreensão própria de cultura popular e ao compromisso que mantém com os movimentos sociais ligados à terra.

Visite o blog <http://aboiadordeviolas.tumblr.com/>

Contatos: Léo Rodrigues (21 99857-5199) e Tata Lobo (31 8889-0205)